

“Ouvíamos os adultos alar constantemente deste ou daquele dos seus amigos que tinha perdido o emprego e não sabia como sustentar a família. [...] Os promotores do Nacional-Socialismo prometiam acabar com a falta de trabalho e com a miséria dos seis milhões de desempregados alemães e eu acreditei neles. Acreditei que realizassem a união política do povo alemão e que ultrapassassem as dificuldades resultantes do Tratado de Versalhes [...]. Em março de 1933, tinha então 17 anos, entrei para a Juventude Hitleriana. Hitler conseguiu comunicar-nos o seu fanatismo [...] e nós não dávamos conta que se ia pouco a pouco apagando a fronteira entre o Bem e o Mal [...]. O mais abominável é que não eram gangsters nem brutos, mas homens normais, bem dotados de espírito e alma, aqueles que se puseram ao serviço de um mal sem limites.”

Melita Maschmann, *A minha juventude ao serviço do nazismo*, Bona, 1963.